

A GEOGRAFIA DA OCUPAÇÃO LINGÜÍSTICA

Sebastião Elias Milani - UFT¹

RESUMO

A distribuição geográfica de uma língua se realiza pelo conjunto de fatores que influenciam o manuseio da terra, a distribuição econômica e dos interesses políticos; esbarram nas características culturais de determinados grupos, na abundância de recursos em determinados setores; produz-se na onda histórica que enleva e destitui necessidades humanas.

Palavras-chave: Geografia-Lingüística, Português Brasileiro, História Brasileira.

ABSTRACT

A geographical language distribution is carried out by a set of factors that influence the soil manipulation as the economic distribution and politics interest; are limited by the cultural characteristics of some groups and by the abundance of resources in specific sectors; is produced in the historic surge that rapt and extinguish human necessities.

Key-words: Linguistic-Geography, Brazilian Portuguese, Brazilian History.

INTRODUÇÃO

O fato da descrição fonológica de uma língua não se esgota no momento em que todos os fonemas e suas possibilidades de execução foram identificados. Dentro de um contexto lingüístico, para encontrar as possibilidades de estruturação da fala, é preciso verificar o conjunto sociolingüístico que a determina. De qualquer forma que se estude a organização lingüística faz-se necessário considerar a instância enunciativa, ela traz para o texto seus traços de origem comunitária, histórica e geográfica; ao lado disso, contribui com seus traços íntimos: inteligência, conhecimento, dificuldades, etc. Muitos são os fatores que contribuem para a diversidade geográfica de uma língua: movimentação migratória, origem dos indivíduos, acesso a educação e aos meios de comunicação, etc., mas todos eles cooperam para que os discursos encontrem sua individualidade.

¹ Professor Adjunto da UFT/Porto Nacional, curso de Letras, da cadeira de Lingüística Geral.

O pensamento é estruturado e não tem forma. A forma que o pensamento assume é o som articulado. Porém, entre o pensamento e o som articulado, energia psíquica e matéria bruta, devem existir o sistema da língua, com suas regras e valores culturais. O pensamento é sentimento, tal qual diz Humboldt (energeia), e se constitui na possibilidade de um impulso psíquico-motoro transformá-lo em matéria bruta, do tipo que outros humanos possam perceber.

Conteúdo e expressão se constituem num único elemento, formam uma unidade reconhecível na expressão, em que as formas da identidade social do falante são apresentadas: língua nacional, variante regional e local, classe social, nível intelectual, situação de discurso tensa ou distensa, idioleto, etc. Sempre é assim, a maxi-estrutura e a mini-estrutura (do sistema da língua ao idioleto) presentes e identificáveis a cada exercício discursivo. Num único ato de linguagem, ou em qualquer ato de linguagem, a história do povo e do indivíduo e a geografia social, física e humana da região e da nação, estão presentes e discursam por si mesmas.

É por meio da língua que o homem expressa suas idéias, as idéias de sua geração, as idéias da comunidade a que pertence, as idéias de seu tempo. A todo instante, utiliza-a de acordo com uma tradição que lhe foi transmitida, e contribui para sua renovação e constante transformação. Cada falante é, a um tempo, usuário e agente modificador de sua língua, nela imprimindo marcas geradas pelas novas situações com que se depara. Nesse sentido, pode-se afirmar que, na língua, se projeta a cultura de um povo, compreendendo-se cultura no seu sentido mais amplo (...)
(BRANDÃO, 1991, p. 5).

Assim é que num conjunto de possibilidades lingüísticas paradigmáticas (fonemas e signos) um falante executa uma determinada forma na cadeia sintagmática (frase/texto). Isso de modo algum é aleatório naquele discurso. O falante de uma localidade produz historicamente determinados fonemas ou alofones; habitualmente deriva palavras de outras distintamente de outras regiões; aplicam significados a certos significantes ou significantes a certos significados que individualizam aquele discurso como regional, local, classial, profissional, etc.

² Wilhelm Karl von Humboldt, filósofo da linguagem prussiano, nasceu em 1767 e morreu em 1835. Escreveu *Sobre a diversidade da estrutura da linguagem humana* e *Sobre o desenvolvimento da formas gramaticais*, obras ainda inéditas em português.

Ao falar, um indivíduo transmite, além da mensagem contida em seu discurso, uma série de dados que permite a um interlocutor atento não só depreender seu estilo pessoal - seu idioleto -, mas também filiá-lo a um determinado grupo (BRANDÃO, 1991, p. 6).

1 - ASPECTOS DA OCUPAÇÃO LINGÜÍSTICA DO TERRITÓRIO

A distribuição geográfica de uma língua se realiza pelo conjunto de fatores que influenciam o manuseio da terra, a distribuição econômica, os interesses políticos; esbarram nas características culturais de determinados grupos, na abundância de recursos em determinados setores; produz-se na onda histórica que enleva e destitui necessidades humanas.

Quando se estuda a língua numa perspectiva do alcance de sua distribuição geográfica, é preciso em primeiro lugar determinar qual área é o objeto. A língua se individualiza como expressão de uma nação, não há como separar nação e língua; da mesma forma que não dá para separar povo e língua; ou povo e nação. Os valores válidos para a descrição da nação passam pelo povo e só podem ser compreendidos através da língua. Isso já é lugar comum na Lingüística desde o século XIX. No entanto, cabe ressaltar, quando se fala de ocupação lingüística de um território, que o sistema lingüístico que vai ali permanecer não é aquele transportado pelo chegante (imigrante, invasor, conquistador, etc.) nem aquele do povo autóctone, mas uma fusão, tendo um ou outro como base. Logo, importa primeiro verificar qual sistema lingüístico é considerado veículo da cultura dominante, porque será esse que ocupará o espaço físico.

Se forem estudadas duas nações com línguas que tenham a mesma origem - por exemplo, as nações de língua portuguesa -, não se pode dizer que elas têm a mesma língua-nacional. As línguas refletem o contexto em que estão inseridas: o conjunto de fatores socioculturais, socioeconômicos, geo-históricos, etc., que varia muito de uma nação para outra, varia também dentro de uma mesma nação; varia, inclusive, de indivíduo para indivíduo, por mais próximas que sejam suas experiências de vida (MILANI, 1999).

Quando se pensa num território específico como o Brasil, os exemplos se avolumam: considerando o marco histórico da descoberta em 1500, deve-se pensar na existência de línguas nesse território. Não é incomum se pensar nessa área física como vazia antes dos portugueses, mas a história da nação Brasil data de 1500; essa é a data histórica da língua portuguesa do Brasil: a história somente existe se for contada e somente pode ser contada numa língua. Outras conquistas foram tentadas nesse território, mas não aconteceram, ficaram perdidas na história contada em língua portuguesa do Brasil, porém, os locais dessas invasões trazem no linguajar do povo as cicatrizes desses acontecimentos, marcadamente nos nomes dos locais e nos nomes de coisas típicas, às vezes, nos traços distintivos de certos fonemas da língua.

A territorialização de uma língua, marcada por fronteiras políticas, segue a onda dos interesses sociais prestigiados. Os grupos de maior poder dentro da nação se impõem como dominantes culturais. O poder perpassa por fatores econômicos, que determinam quem tem prestígio e o que pode ser prestigiado. É assim que imensas áreas são numa época ignoradas e em outras invadidas. As fases de ocupação de um território podem ser muitas, em muitas levas de pessoas, ou podem ser contínuas, orientadas por uma atração exercida por um território. Aspectos como transportes, recursos agrícolas, investimentos sociais, tornam áreas desocupadas em áreas atraentes.

No passado, as determinantes de ocupação territorial se fizeram por fuga da miséria, das doenças, etc., originadas da ausência de recursos nos locais de origem. O Brasil e os outros países das Américas receberam levas inteiras de imigrantes de todas as partes do mundo de pessoas que buscavam formas mais dignas de sobrevivência. Há de se observar que na atualidade existem movimentos, organizados, não por ocupação territorial, mas para ocupação de postos de trabalho, na direção contrária, saindo dos países americanos do sul para o bloco de países desenvolvidos. A causa dessas migrações está na mudança da concentração de recursos em setores produtivos diferentes: antes era o agrícola, atualmente é o industrial.

De qualquer forma que se observe tais movimentos, sempre se descobrirá a busca por novas oportunidades econômicas orientando o avanço para novos territórios. Em cada época a fórmula assumida por essas oportunidades varia segundo a motivação, o grupo, a cultura, o transporte, etc. O espaço territorial a ser ocupado determina quem está apto a explorá-lo, áreas agrícolas demandam gente da terra, áreas de floresta e de recursos naturais, aventureiros, setores industrializados requerem educação formal básica. Na ocupação lingüística, o domínio político impõe a restrição do idioma, entrar numa nova terra significa adotar novos costumes culturais e lingüísticos.

2 - O BRASIL SENDO OCUPADO

Em 1500, quando da descoberta do Brasil, havia por aqui milhões de indígenas que falavam um grande número de línguas. O volume de pessoas e a imposição política renegaram esses idiomas e impuseram o português, idioma do conquistador, como língua da nova nação. Essa foi a última conquista lingüística ocorrida nesse território, muitas outras foram tentadas, mas todas foram sufocadas por esforços militares de repulsa ao invasor. No entanto, sempre permanecem marcas lingüísticas e marcas culturais, daqueles que se foram, que continuam a ser valorizadas.

A língua portuguesa do Brasil não foi moldada por invasões militares no território defendido por Portugal. Em princípio, o volume de nativos nas áreas especificamente ocupadas, no litoral do Sudeste, fez do idioma autóctone a forma corrente da comunicação. Enquanto o fator determinante para o predomínio de um dos idiomas foi o número de falantes nativos presentes na área, o chamado idioma geral, assentado basicamente no Tupi, predominou. No entanto, o fluxo de imigrantes portugueses nunca fora interrompido e a inevitável imposição política do idioma português aconteceu. Desse ponto histórico em diante, não importavam quem fosse e a quantidade, no território nacional brasileiro se deveria falar português.

O indígena primeiro e depois o negro são as duas marcas lingüísticas fortes na língua portuguesa brasileira dos primeiros séculos. Deve-se observar que esses grupos eram brutalmente inferiorizados e se compunham de vários idiomas, por isso as marcas que deixaram, em geral, são de vocábulos ou de degenerações do léxico português diretamente relacionado a eles. Exemplos são o vocábulo derivado do *Vossa Mercê*, dos nomes dos rios, das plantas, das comidas, de algumas bebidas, etc.

As outras marcas lingüísticas vão acontecer fundamentalmente após a Independência em 1822. Então implantado, o português não seria mais substituído de forma alguma, a cultura era suficientemente sofisticada para não se impressionar e se desfazer diante de outras que se apresentassem. Os imigrantes europeus: italianos, alemães, poloneses e espanhóis, e orientais: japoneses, chineses e coreanos, introduziram hábitos e valores culturais de sua origem, mas inevitavelmente assumiram a língua portuguesa como fórmula da comunicação. A resistência ao idioma português nesses indivíduos é quase nenhuma, fatores como a rejeição ao estrangeiro, a necessidade de negociar, o desejo de serem aceitos, etc., suplantam a saudade da terra natal e as manias culturais de origem.

No entanto, nos pontos onde houve concentração de grupos de estrangeiros de uma mesma origem, necessariamente características culturais deles foram implantadas, e o português falado registrou as dificuldades que o imigrante apresentou para aprender a falá-lo. Assim, no Sul do país, há características de fala originadas nos moldes lingüísticos do alemão e do italiano. Nas regiões de alta incidência de migrantes italianos, os fonemas vocálicos finais de palavras /e/ e /o/, que no falante das outras regiões são realizados como altos /i/ e /u/ respectivamente, são realizados como médios-altos /e/ e /o/. A explicação se relaciona ao fato de no italiano os fonemas vocálicos de finais de palavras marcarem a distinção de gênero e número dos nomes, enquanto no português somente marcam o gênero. Desses fatos, tira-se a influência dos italianos que pronunciavam o português com a mesma precisão vocálica necessária no italiano, fixando o hábito como característica regional para todos os falantes.

No século XIX e XX, respectivamente segunda e primeira metades, movimentos de comércio de mulas, os chamados *muladeiros gaúchos*, espalharam esse comportamento lingüístico para os estados vizinhos, num corredor preciso que parte da região gaúcha de Caxias e chega nas regiões paulistas da sorocabana e da araraquarense, passa por Santa Catarina, na região litorânea, e pelo Paraná, na região de Ponta Grossa. O movimento inicial de colonização moldou o comportamento do brasileiro daquela área do estado do Rio Grande do Sul, e a atividade econômica espalhou-o. No estado de São Paulo, mais precisamente em alguns bairros da cidade de São Paulo, a alta incidência de imigrantes italianos criou outras características lingüísticas, como o vibrante múltiplo /r/ sendo produzido nos alvéolos, enquanto que esse fonema é comumente produzido no véu-palatino.

As regiões Sul e Sudeste têm em suas bases lingüísticas fortes influências estrangeiras. Além dos italianos, alemães e poloneses, também não é desconhecida nessas áreas presença de japoneses e de seus descendentes. Eles se fixavam por ali, por serem as terras mais acessíveis, com estradas e aglomerações urbanas onde podiam se concentrar e partir. As outras regiões, mais ermas, tiveram de aguardar o processo de ocupação daquelas regiões acabar e a infra-estrutura mínima nelas ser disponibilizada. Assim, o desenvolvimento do interior pode ser acompanhado pelas datas de fundação das cidades. No litoral e próximo, elas têm idades entre 400 e 480 anos, as cidades do oeste do estado de São Paulo, por exemplo, têm entre 80 e 150 anos. Mais a Oeste, em outros estados, as cidades são sempre muito recentes, aquelas que são antigas em função da mineração, após esse período de muita riqueza, permaneceram ou ainda permanecem estagnadas no aguardo de uma leva de migração mais consistente e permanente.

A alta incidência de estrangeiros, nas regiões Sul e Sudeste, criou uma variante lingüística extremamente renovadora. O estrangeiro, no contato com a nova língua, passa por etapas de assimilação que os obriga à redução drástica no número das formas. Comumente, os tempos e os modos verbais são os que sofrem maiores mutilações, sendo reduzidos a forma básica do presente. O período necessário para assimilação de todas as estruturas da língua ocasiona uma distribuição dessas mutilações nos falantes nativos que precisam se comunicar com esses estrangeiros: o resultado é uma língua com alta mobilidade. Grandes centros urbanos, como as capitais desses estados, por onde circula a maioria desses indivíduos, têm, em seus habitantes, um comportamento lingüístico distenso altamente particularizado pela mobilidade lingüística.

Por outro lado, regiões mais distantes ou mais pobres são pouco freqüentadas por forasteiros. Nesses espaços territoriais, os grupos permanecem imutáveis ou sem influências lingüísticas por muito tempo, geralmente perduram na mesma estrutura sem qualquer mudança por longos períodos. Estão nessa condição os estados do Norte e Nordeste, que se configuram como extremamente conservadores lingüisticamente. Novamente as formas verbais podem dar a exata dimensão desse conservadorismo, enquanto no Sul e Sudeste o modo imperativo já desapareceu completamente da fala cotidiana em todas as variantes lingüísticas, no Nordeste ele permanece ativo e os falantes de quase todas as variantes lingüísticas o empregam correntemente e corretamente.

O Nordeste permaneceu por muito tempo como exportador de pessoas, mandava influências, sobretudo para o Sudeste, permanecendo alheio às transformações lingüísticas. Mas, esse processo já não é mais o mesmo, a comunicação de massa ampliou o alcance das influências e outras indústrias apareceram por lá: o turismo pelas praias e pelas festas leva grandes massas a visitar a costa litorânea daqueles estados, e novas políticas públicas estão garantindo um nível de vida mais elevado para a população, atraindo de volta quem de lá saiu (já influenciados) e outros grupos de indivíduos em busca de novas oportunidades. Certamente os movimentos migratórios e de comunicação causarão modificações nos hábitos lingüísticos dos povos autóctones, em longo prazo o efeito é uma inevitável unificação do comportamento lingüístico na direção do grupo mais forte, mais numeroso e mais influente.

Os estados do Norte, oferecendo novas oportunidades na agricultura, atraem enormes quantidades de trabalhadores de outras regiões onde a agricultura é tradição. Eles se dirigem para as áreas onde haja semelhança da produção agrícola com a de sua terra natal, criando bolsões de gaúchos, de paranaenses, de paulistas, etc, mas sempre há misturas e as condições geográficas não são as mesmas. O fato de virem em grande quantidade e de pontos muito diferentes faz com que, por um longo período, não haja identidade lingüística nesses estados (falares regionais e locais). A língua que todos falam é o português, portanto têm uma mesma cultura, mas o Brasil é muito extenso, por isso a grande variação. Quando colocadas juntas essas variantes, inevitavelmente ocorrerá a organização de uma nova variante, única e característica.

CONCLUSÃO

A dominação cultural ocorre quando o grupo que é invadido possui uma cultura mais simples que o invasor. A tendência em todos os casos é que a resistência lingüística ou a dominação ocorra em função do número de falantes. No entanto, quando a cultura existente é complexa, a língua é sofisticada, dessa forma não há conquista, porque o padrão cultural apresentado pelo invasor não requer transformações lingüísticas radicais, mesmo quando seu número seja maior. A dominação cultural ocorre pela atração que uma cultura exerce sobre os membros de outra. O desejo de fazer parte de alguma coisa "maior" é típico no ser humano, por isso a busca pela inovação é contínua; nos casos de invasão cultural, seja por possessão política, militar ou propaganda, o desejo aparece como forma de se igualar e acompanhar o mais sofisticado.

No século XIX, a chamada descoberta do sânscrito modificou a Europa culturalmente. William Jones, representante da coroa inglesa nas Índias, estudioso da linguagem, descobre semelhanças entre o sânscrito, idioma dos textos do Hinduísmo, o grego e o latim. As traduções que fizera para o inglês de alguns desses textos, devido a solução que eles traziam para perguntas sobre a história dos europeus, fez com que o sânscrito e cultura sofisticadíssima que veiculava, influenciassem profundamente o comportamento dos europeus: a literatura, as artes em geral, a religião, a alimentação, os estudos lingüísticos (Gramática Comparada). Isso nunca parou, o século XIX viveu as influências dessa cultura até seu final e, no século XX, símbolos indianos foram usados (desvirtuadamente ou não) como estandartes políticos e militares (suástica do Nazismo) ou como símbolos pessoais.

O Império Romano espalhou seu idioma por toda a Europa, Ásia e África. Nas regiões onde permaneceu com domínio absoluto o latim foi a língua corrente durante muitos séculos. No século V d C., seu poder militar e político foi suplantado por povos vindos do Norte e do Leste (história muito conhecida). A cultura em língua latina, sofisticada pela avançada filosofia desenvolvida em Roma e assimilada dos povos Etrusco, Grego, Mesopotâmicos, Egípcios, Fenícios, etc., sobreviveria à ruína imperial. O invasor Germano não suplantou, nem pelo número, nem pela forma de ocupação, nem pela estrutura cultural que trazia, nem pela religião, a cultura existente, e a língua latina perdeu como a forma de comunicação do povo. Na península Ibérica, nem mesmo os Árabes que possuíam uma ciência sofisticada, realizaram a transformação lingüística, deixaram apenas inúmeras contribuições lexicais.

Durante todo o processo de ocupação do território brasileiro, e ainda na atualidade, quando do contato do invasor branco como os indígenas, o processo sempre se deu pela desestruturação da cultura existente no território. As tribos autóctones possuíam culturas baseadas exclusivamente na sobrevivência e na perpetuação da população, sendo geralmente feitas de grupos pequenos. No contato com a cultura muito mais sofisticada dos brancos, desacreditavam de seus valores, sobretudo porque estavam ligados à floresta que o branco destrói, tornando-se vítimas num momento inicial e objeto de aculturação em seguida. Mesmo em casos de registro e reprodução dessa cultura, ela não pode resistir sem o sustentáculo da língua e dos materiais tradicionais com que era moldada. Assim, se o indígena assume o português como língua nativa, automaticamente o pensamento se sofisticou além daquilo que se poderia executar em seu idioma, e as danças, os trajes, as armas, a sobrevivência e mesmo o território são modificados na forma e como fato.

No avanço de uma cultura sobre outra, ou na entrada de uma cultura em outra, ou qual seja a forma de contato, sempre haverá, no território onde se dera o fato, uma mistura delas, uma predominante, cuja língua registrará o amálgama, e outra que desaparecerá enquanto formação independente, mas poderá ser reconhecida nos traços que implantou na variante local falada. A distribuição territorial das línguas sempre se faz pelo avanço dos grupos para além de suas fronteiras: realizando fusões, forçando o desaparecimento de grupos menores, sofisticando grupos autóctones. O desejo de fazê-lo nos seres humanos são descritos de muitas maneiras nas línguas: interesse pelo desconhecido, ganância, curiosidade, necessidade de novos recursos, etc., sempre resulta numa dinâmica reconstrução de valores e numa nova forma de comunicação; às vezes, numa língua muito diferente, ou pouco diferente, ou numa fusão, dependerá do ponto de vista e de qual grupo se esteja estudando.

BIBLIOGRAFIA

BRANDÃO, S. F. A geografia lingüística no Brasil. São Paulo: Ática, 1991. Série Princípios.

MILANI, S. E. As idéias lingüísticas de Wilhelm von Humboldt. 1994. Dissertação (Mestrado) FFLCH, USP, São Paulo. Inédita, mimeo.

MILANI, S. E. Wilhelm von Humboldt: o conceito de língua. **Fragmenta 2**, p. 101-111, 1999.

MILANI, S. E. **Humboldt, Whitney e Saussure: Romantismo e Cientificismo-Simbolismo na história da lingüística.** 2000. Tese (Doutorado) USP, São Paulo. Inédita, mimeo.

PAIVA, D. F. **História da língua portuguesa.** Lisboa: Clássica, 1943.

SARAIVA, A. J. **História da cultura em Portugal.** Lisboa, Jornal do Foro, 1950.

SEIGNOBOS, C. **História comparada dos povos da Europa.** Trad. de Vivaldo Coaracy. São Paulo: J. Olympio, 1945.

SILVANETO, S. **História da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957.

TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa.** Trad. de Celso Cunha. São Paulo: M. Fontes, 1997.